



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PROSTITUIÇÃO, CORPOS E SENTIDOS: APREENSÃO DE SABERES CONSOLIDADOS NA NOITE

Autora: Fabiana Rodrigues de Sousa

Doutoranda em Educação/ PPGE – UFSCar

E-mail: fabianalhp@yahoo.com.br

Co-autora: Maria Waldenez de Oliveira

Professora Dr. PPGE - UFSCar

Agência de fomento: FAPESP

Nesse artigo, a prostituição é compreendida como prática social e nosso olhar lançado a essa atividade é desenvolvido com intuito de descortinar processos educativos consolidados nas relações estabelecidas por prostitutas que prestam serviços sexuais em casas noturnas de São Carlos/SP.

Inicialmente teceremos breves comentários acerca das distintas abordagens teóricas desenvolvidas para analisar o fenômeno da prostituição, buscando explicitar nossa mirada ao exercício da prostituição que é elaborada com base nas contribuições da fenomenologia e da educação popular. A seguir, discorreremos sobre o lugar do corpo e dos sentidos na aquisição de saberes e processos educativos consolidados no exercício da prostituição. Para elaboração do artigo, partimos de resultados de pesquisa realizada em curso de doutorado em Educação, cujo objetivo foi compreender o modo próprio como prostitutas significam os saberes consolidados na noite, contribuindo dessa forma para o desvelamento da face educativa que também caracteriza essa prática social.

Cabe ressaltar, que o termo prostituição é empregado, aqui, para fazer referência à prestação voluntária de serviços sexuais por parte de pessoas adultas, mediante negociação prévia acerca do tempo, custo e modalidade do serviço a ser prestado. Prostituição não deve, portanto, ser confundida com os termos *exploração sexual* ou *trabalho escravo*, posto que nesses casos as relações não sejam estabelecidas por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

consentimento e resultam de coação. Tal como alerta Agustín (2001), definir o fenômeno da prostituição como sinônimo de exploração sexual é uma forma de transformar a linguagem com intuito de negar a possibilidade de exercício voluntário dessa atividade. Se essa prática é entendida como sinônimo de exploração, os clientes que compram os serviços sexuais são convertidos em exploradores e criminosos e as pessoas que oferecem tais serviços convertem-se em vítimas.

O movimento de organização de trabalhadores do sexo tem implementado ações no sentido de promover a visibilidade desse segmento social e questionar abordagens teóricas que insistem em retratar prostitutas como vítimas e não como sujeitos de direitos. Segundo o educador Paulo Freire (1970), organização constitui-se em ação traçada no sentido de modificar as estruturas sociais, essa ação é desenvolvida com base no questionamento da realidade procurando desvelar mitos, normas e estereótipos que adaptam os seres humanos, em vez de engajá-los na transformação social.

Para que seja possível efetivar a transformação social faz-se necessário produzir mudanças profundas na estruturação dos conhecimentos o que implica em desafiar a razão indolente que subjaz, em suas distintas formas, ao conhecimento hegemônico produzido no Ocidente nos últimos duzentos anos. Esse desafio se viabiliza pelo questionamento da racionalidade ocidental dominante e pelo desvelamento de experiências vivenciadas por aqueles que pertencem a totalidades heterogêneas não hegemônicas, como é o caso de mulheres que prestam serviços sexuais (SANTOS, 2008).

Diferentes miradas sobre prostituição

O debate acerca da prática da prostituição caracteriza-se como processo em constante construção, o qual é marcado por distintas abordagens que estão longe de um consenso, uma vez que as diversas perspectivas são pautadas por visões de mundo e premissas elaboradas segundo diferentes filosofias e códigos éticos. As representações sociais formuladas pelos vieses moralista e economicista acerca do fenômeno da prostituição conformam distintos olhares sobre essa atividade, orientam discursos e a formulação de políticas públicas, bem como se refletem na produção bibliográfica e nas investigações sobre essa temática.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A partir de uma ótica moralista a prostituição passa a ser associada à ideia de *desvio* e pode ser considerada como *mal necessário*. Nessa perspectiva, a sociedade é tida com totalidade sadia (normatizada), na qual estão presentes alguns seres doentes (anormais) que são considerados desviantes por não se adequarem ao padrão e normas vigentes.

A sociedade através de seu sistema normativo padronizado estabelece graduações com relação à conduta sexual, tomando como referência o tipo ideal representado pelo casamento, exemplo de conduta sexual legitimada e prestigiada, enquanto que, no outro extremo, estão as relações extra-conjugais, especialmente em se tratando de prostitutas, onde se verifica a compra do desempenho da pessoa na prestação de serviços sexuais (ESPINHEIRA, 1984, p.34).

Os estudos sobre normalidade e desvio apresentam como pano de fundo o contexto dos problemas sociais observado, no final do século XIX, em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro que compartilhavam temores frente a dados referentes à criminalidade, prostituição e suicídios, os quais resultaram em projetos de saneamento médico e higienização. Miskolci (2005) ressalta que, nesse contexto, fenômenos históricos e construídos socialmente passaram a ser analisados de forma naturalizada e aqueles comportamentos que não se enquadravam no padrão burguês foram rotulados como anomalia e degeneração, dessa forma a prostituta é convertida em mulher sexualmente doente, isto é, torna-se uma degenerada.

Nas abordagens de cunho moralista, a prostituta figura como *mal necessário* ou como *vilã* evidenciando a contradição social que, ora, percebe a prostituta como uma ameaça à estrutura familiar por ela se opor à norma vigente e atentar contra sua natureza sexual - já que como mulher deveria canalizar sua sexualidade à reprodução. E outrora, a percebe como mal necessário, pois embora considerada degenerada, à prostituta compete o papel de garantir o bom funcionamento da sociedade por meio da satisfação dos incontroláveis desejos sexuais masculinos, evitando que os homens incomodem as *mulheres honestas*. Como bem destacam Alvarez e Teixeira Rodrigues (2009), em ambos os casos – seja como vilã ou mal necessário - as prostitutas são amplamente rechaçadas pela imputação de estigma que se configura como mecanismo de controle sobre suas vidas.

Estigmatizam-se as prostitutas como vilãs que atentam contra a família estruturada; são acusadas de colocar em risco a honra e os “valores” da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sociedade. Há ocasiões em que aparecem como um “mal necessário”, que protege e ao mesmo tempo ameaça o casamento, contudo devem ser marginalizadas em um espaço construído por certos limites, que elas não podem extrapolar sem risco de serem perseguidas, punidas ou encarceradas (ALVAREZ; TEIXEIRA RODRIGUES, 2009, p.188).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A respeito das abordagens tecidas sob o viés economicista, Rago (1991) destaca que esse é o campo da *prostituta-vítima*, nessa perspectiva parte-se da premissa de que a mulher não possui qualificação profissional para exercer outra ocupação e por isso é levada a se prostituir para complementar seu salário miserável e, assim, obter recursos financeiros necessários para garantir sua subsistência.

Pateman (1993) afirma que é antigo o argumento de que as prostitutas são forçadas a ingressarem na prostituição por motivos econômicos. A autora ressalta que, embora as prostitutas estejam frequentemente acessíveis em todos os níveis de mercado, o caráter público da prostituição não é explicitado e, tal como outras formas de empreendimento capitalista, a prostituição costuma ser encarada como empreendimento privado estabelecido por meio de acordo particular entre comprador (cliente) e vendedora (prostituta). A autora critica a teoria do contrato, pois acredita que a mesma converte-se em estratégia política que justifica a sujeição apresentando-a como liberdade, em vez de focalizar o caráter de subordinação que caracteriza a prestação de serviços sexuais.

Corroborando essa compreensão, Swain (2004) assegura que a propagação da expressão “*a prostituição é a profissão mais antiga do mundo*” tem a função de naturalizar essa atividade e referendar o domínio dos homens sobre as mulheres, evidenciando que os corpos femininos sempre estiveram à disposição dos homens. A prostituição converte-se, assim, na pior forma de opressão patriarcal voltada às mulheres. Sob essa perspectiva, a prostituição é associada à venda de corpos femininos¹ no mercado sexual, no qual as mulheres colocam seus corpos à disposição de homens consumidores. Essa atividade é entendida como mecanismo legitimador da exploração feminina, ao conceder o acesso masculino aos corpos femininos, a prostituta passa a ser identificada como vítima e não como sujeito de sua prática.

¹ Laura Agustin alerta a necessidade de evitar o clássico binarismo mulher-servidora sexual/homem-cliente, pois embora grande parcela das pessoas que prestam serviços sexuais seja composta por mulheres, tem crescido o número de homens, transexuais e transgêneros que exercem prostituição, cujos serviços prestados podem assumir caráter homossexual, heterossexual ou posição intermediária e que são demandados não apenas por homens, mas também por mulheres e pessoas trans (AGUSTIN, 2005).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em contraposição a essa compreensão Piscitelli (2011, p.1) observa que, nas últimas décadas, as discussões sobre prostituição têm se tornado mais complexas, ao passo em que se consolidam diversas organizações de prostitutas em distintos países. Os membros dessas associações consideram a prestação de serviços sexuais como um trabalho e “reivindicam, sobretudo, o direito a exercerem suas ocupações em condições dignas, livres de criminalização, estigma, humilhações, marginalização, discriminação e violência”.

Nessa perspectiva que percebe a prestação de serviços sexuais como trabalho sexual, o patriarcado passa a ser mais um dentre os diversos fatores - racismo, imperialismo, moralismo, desigualdades sociais - que influenciam a vida das mulheres. Nega-se a vitimização da mulher e a tendência em retratar sua vida e seu trabalho somente pelo viés da subordinação aos interesses sexuais masculinos. A prostituta deixa de ser percebida como vítima e passa a ser compreendida como sujeito capaz de identificar, se opor e transformar relações de poder (KEMPADOO, 2005).

Um passo fundamental para a promoção dos direitos das prostitutas consiste justamente em considerá-las como interlocutoras válidas, isto é, aprender a ouvir o que suas organizações têm a dizer. Sem deixar de considerar a heterogeneidade que caracteriza o movimento social de prostitutas, uma vez que existam associações e coletivos com trajetórias e concepções distintas, temos observado que uma parcela significativa desse movimento reivindica o reconhecimento de sua identidade profissional.

A profissionalização se torna alvo das discussões de membros de um *métier* devido à mobilidade coletiva de alguns desses membros. Reivindicar a prostituição como uma profissão requer a distinção de condutas, posturas, procedimentos, direitos, deveres e uma ética, pois para adquirir certas competências e assumir responsabilidades é necessário refutar o papel de vítima. As reivindicações das prostitutas brasileiras por reconhecimento não se restringe à atuação como interlocutoras competentes na definição de políticas e ações de saúde, mas envolve também inúmeras iniciativas ligadas à cultura e à moda que refutam de vez o discurso vitimizador, instituindo no espaço público a concepção de prostituição pautada pela escolha e não pelas vicissitudes da vida (SIMÕES, 2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Todavia, a reivindicação do reconhecimento da prestação de serviços sexuais como atividade trabalhista não implica na afirmação de que o trabalho sexual se configura como um trabalho como outro qualquer. Cristina Garaizabal² (2006) assegura que, ao legislar sobre o trabalho sexual, é preciso levar em consideração o estigma voltado a pessoas que exercem essa atividade, bem como as especificidades inerentes à prestação de cada tipo de serviço sexual. Nesse sentido, as medidas legislativas devem explicitar que somente a pessoa que presta serviços sexuais é quem deve decidir acerca dos clientes que irá aceitar e o tipo de serviço que irá oferecer, sem que ninguém possa interferir nessa tomada de decisão. A autora ressalta, ainda, que qualquer ação tomada no sentido de regulamentar a prostituição deve ter em conta a voz das pessoas trabalhadoras do sexo. É preciso considerar as opiniões e saberes dessas pessoas, mas sem perder de vista que as mesmas não apresentam um discurso estático e homogêneo, já que vivenciam distintas situações de vida e condições de trabalho (alguns prestam serviços sexuais na rua, em clubes e casas noturnas, outros fazem atendimento em linhas eróticas, etc) e os fatores sociais, econômicos e culturais que vivenciam interferem nas formas como percebem e significam seu trabalho. Toda essa diversidade deve ser considerada ao se propor medidas legislativas sobre prostituição, uma vez que existam situações muito diferentes no exercício dessa prática, as quais conduzem a problemáticas e percepções distintas acerca dessa atividade (GARAIZABAL, 2006).

Consideramos, destarte, que o fenômeno da prostituição é marcado pela diversidade e pode ser abordado sob a ótica de diferentes perspectivas. Para ilustrar esse perspectivismo, faremos uso do exemplo citado por Merleau-Ponty (2006) acerca da mirada da casa por parte de um observador que se encontra em uma das margens do rio Sena. No momento em que o observador repousa seu olhar sobre um dos lados da casa, o lado oposto encontra-se oculto, todavia, continua a pertencer à totalidade da casa observada. A visão do observador seria diferente se a tomada da casa fosse feita do alto ou do lado oposto, pois tal como destaca o autor, olhar um objeto é entranhar-se nele, olhar consiste em adentrar em um sistema, no qual uma face se desvela ao mesmo tempo em que outra se esconde. O que se mostra e o que se esconde dependem, portanto, da perspectiva em que se realiza a mirada do fenômeno focalizado. Sendo

² É psicóloga-clínica e co-fundadora da associação espanhola Hetaira - coletivo em defesa dos direitos das prostitutas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

assim, para compreender a totalidade de um fenômeno é preciso dar voltas em torno dele e mirá-lo a partir de diferentes perspectivas.



Sentidos e saberes da noite: significando a prostituição

Nesse trabalho, focalizamos o fenômeno da prostituição visando descortinar sua face educativa, tendo como objetivo desvelar significados que prostitutas atribuem ao processo de educar-se *na noite*³. Os dados, ora, apresentados são resultados de pesquisa de doutorado em educação desenvolvida com base nos aportes teórico-metodológicos da educação popular e da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. A coleta de dados foi efetivada por meio de entrevistas realizadas com sete prostitutas que, então, prestavam serviços sexuais em duas casas noturnas de São Carlos/SP.

Segue abaixo quadro com informações das mulheres entrevistadas em que se apresentam de forma sintética motivações para ingresso na prática da prostituição e tempo dedicado a essa atividade.

Participantes	Tempo de exercício da prostituição	Motivações que influenciaram a exercer prostituição
FÁTIMA 28 anos	12 anos	- Não voltar para casa do pai após falecimento do companheiro;
GLÓRIA 25 anos	7 anos	- Sair de ambiente familiar marcado por violência;
GISLAINE 27 anos	7 anos	- Curtir a vida e conhecer novos lugares e pessoas;
GIL 25 anos	2 anos	- Obter recursos para custear despesas de seu filho;
FLÁVIA 23 anos	9 meses	- Vingar-se de marido infiel;
FERNANDA 20 anos	3 anos	- Separar-se do esposo e necessidade de obter recursos para criar filho; - Dedicar-se a uma ocupação que não tenha um chefe impondo o que fazer;
FABÍOLA 21anos	3 anos	- Sair de ambiente marcado pelo uso de drogas; - Dedicar-se a uma ocupação que não tenha um chefe impondo o que fazer;

Quadro sinóptico - Tempo de exercício da prostituição e motivações para ingresso na atividade

Com base nos aportes da educação popular, educar-se é compreendido como processo de conscientização, isto é, como apreensão da realidade e reconhecimento de

³ Termo empregado pelas mulheres participantes da pesquisa para aludir ao contexto de exercício da prostituição.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

sua situacionalidade. Por meio de suas relações no e com o mundo, o ser humano se educa e significa a si, os outros e o contexto em que se percebe, podendo se adaptar a situação percebida ou buscar transformá-la projetando-se para além de sua situação (FREIRE, 1970).

A consciência não é um reflexo do mundo, nem tampouco o mundo uma mera projeção da consciência. O mundo se configura, na consciência do mundo, como um horizonte repleto de significados. Estes significados não são postos somente pelo mundo ou dados pela consciência. O mundo é significado num processo dinâmico em que o significar não resulta em produto feito e acabado, mas sim numa contínua manifestação de um fazer que se refaz permanentemente (FIORI, 1986).

Na fenomenologia, a consciência é compreendida como abertura ao mundo, uma maneira de ter acesso ao conhecimento. O mundo é o horizonte das experiências do ser humano e campo de todos seus pensamentos e percepções. Sendo assim, não é possível se desligar do mundo a fim de compreendê-lo. O mundo é a pátria de toda racionalidade e antecede, portanto, as explicações e constructos teóricos (MERLEAU-PONTY, 2006).

Os saberes elaborados por meio do contato sensível com o mundo, tal como os que são produzidos pelas prostitutas em suas experiências na noite, não devem ser vistos como inferiores. Pois como reconhece Merleau-Ponty (2006, p.84), o sentir configura-se como comunicação vital com o mundo, tornando-o presente e familiar em nossas vidas, o sentir “é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor”.

Embora a epistemologia ocidental priorize o conhecimento racional em detrimento de saberes que são originados por meio do contato sensível com o mundo, é por meio da estesia do corpo que podemos nos comunicar com o mundo, compreender a experiência vivida e, inclusive, fazer ciência. Merleau-Ponty (2006) afirma que a percepção não é uma ciência iniciante, antes a ciência clássica é que se constitui como percepção embora se esqueça de suas origens. A consciência científica toma emprestadas as estruturas da experiência vivida para elaborar seus modelos, mas não explicita os horizontes de consciência perceptiva dos quais busca exprimir as relações concretas. Por isso, a fenomenologia volta-se para a experiência vivida procurando descrever os diversos modos do ser-no-mundo, ou seja, nossa existência que precede a reflexão e teorização.



Destarte, ao investigar os modos pelos quais prostitutas significam o processo de educar-se no exercício da prostituição, não intencionamos identificar explicações e conceitos formulados por essas mulheres acerca da atividade por elas desenvolvida, mas antes apreender como elas atribuem sentido às experiências vivenciadas na noite. Procuramos compreender como prostitutas se percebem nessas experiências e identificar valores, posturas e saberes consolidados na noite.

Um dos primeiros valores identificados por meio da convivência e diálogo com as prostitutas participantes da pesquisa foi a de que elas associam a prestação de serviços sexuais a uma atividade trabalhista e não necessariamente a uma forma de exploração. Todas as entrevistadas declararam que exercem voluntariamente a prostituição e percebem essa atividade como uma estratégia de inserção socioeconômica realizada com intuito de obter recursos financeiros para custear seus gastos e de outros familiares, como mãe e filhos.

De acordo com o conteúdo exposto em documento que apresenta os resultados de uma pesquisa realizada junto a prostitutas de três regiões brasileiras, é muito frequente nos relatos dessas mulheres a menção aos filhos como justificativa para ingresso na prostituição e o desejo de proporcionar-lhes o que elas próprias não tiveram. A prostituição é representada por aqueles que dela se ocupam como oportunidade de angariar recursos mais elevados dos que obteriam em outras profissões (mercado formal ou informal), independentemente do nível de escolaridade e capacitação apresentado pelas mulheres (BRASIL, 2003).

Embora o viés econômico seja central na compreensão de prostituição apresentada pelas mulheres entrevistadas, os dados por elas fornecidos contrariam a assertiva de que somente aspectos econômicos favorecem o ingresso na prostituição. Os depoimentos das mulheres entrevistadas desvelam diversas motivações que favorecem não apenas o ingresso, mas também sua permanência nessa atividade.

Gislaine apresenta algumas motivações ligadas ao campo afetivo-sexual⁴ que lhe proporcionam satisfação na atividade, como a possibilidade de atrair-se sexualmente pelo cliente: “Tem homem que você quer ir pro quarto, sabe, ai vamos, tem uns que eu

⁴ Conjunto de necessidades humanas de atenção e cuidado, acompanhamento e reconhecimento, bem como as diversas formas de satisfazê-las com intuito de obter bem estar afetivo-emocional, sensual-corporal e erótico-sexual (ESPAÑA, 2001).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

fico: Ai, vamos, vamos, vamos!”. Ou, ainda, a valorização da autoestima da prostituta ao saber que é desejada pelos clientes:

É, às vezes, a autoestima da mulher ela quer se sentir desejada, sabe? Já teve vezes de eu ver mulher falando pro cara ‘Eu não quero ir pra cama com você’, e o cara ficar indo atrás dela ‘Eu quero você’, ai você se sente assim, nossa, mesmo o cara tendo que me pagar para eu ficar com ele, ele quer.

Gislaine salienta aspectos festivos e prazerosos vivenciados na prostituição, por isso consideramos que ela se identifica com um estilo de vida boêmio o que ratifica sua satisfação na atividade. Ela e Glória citam algumas circunstâncias que justificam sua permanência em contextos prostitucionais, tais como convivência com amigas, curtir as baladas, conhecer homens boêmios e adeptos da vida noturna. Gislaine declara: “Tá vendo, é isso que me atrai em um homem, voltando a esse assunto de zona, porque fora da zona é mais difícil você encontrar esse tipo de homem. Meu tipo de homem é assim, homem que gosta de mulher vagabunda!”

Fátima destaca a possibilidade de conhecer novas pessoas e viajar para diferentes lugares como fatores que geram grau de satisfação na atividade: “você conhece muita gente, muito lugar... e sem tá na noite, só se a pessoa for milionária mesmo. Porque eu passei por cada lugar que, nossa, eu nunca imaginava conhecer.”

Fátima considera pouco provável que uma prostituta consiga suspender definitivamente a prestação de serviços sexuais a fim de dedicar-se a outra ocupação. Ela confirma a observação de Moraes (1995) que realizou investigação na Vila Mimosa, onde também percebeu que, embora muitas vezes idealizado, o abandono total da atividade é muito difícil devido a condições de ordem econômica e simbólica, como as que podem ser depreendidas no depoimento de Fátima:

A hora que começa a apertar... aperta o calo, aperta o bolso, ai com certeza, ai parece, assim, toda vez que você fala “ah! não, vou parar, não vou mais trabalhar não, na noite, vou começar a trabalhar sério agora, vou mudar de vida”, é incrível, parece que cai do céu, assim, aquele anjo na sua frente e te oferece “te dou tanto pra você ir lá dormir comigo hoje”, ai acaba voltando! Acho difícil a mulher que conheceu a vida uma vez sair e nunca mais voltar ou sei lá, eu acho que sempre acontece.

Uma análise minuciosa dessa unidade de significado pode desvelar diferentes acepções para o exercício da prostituição. O emprego da expressão “trabalhar sério”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

atribuída à busca por uma ocupação fora da noite nos leva a depreender uma possível ausência de probidade na prestação de serviços sexuais. Por outro lado, Fátima utiliza a imagem do anjo que cai do céu (figura dotada de honestidade e retidão) para referir-se ao cliente que acaba motivando a prostituta a permanecer na atividade. Para além da necessidade de suprir aspectos financeiros (quando aperta o calo e aperta o bolso), a alusão ao cliente representado pela figura do anjo pode insinuar a presença de motivações do campo afetivo-sexual que justificariam a permanência na prática da prostituição, tal como as apontadas por Gislaíne.

Fabíola exerce prostituição há cerca de três anos. Ela passou a ocupar-se desta atividade após receber convite de uma amiga e considera a prostituição como uma ocupação na qual é possível trabalhar sem a figura do patrão permanentemente dando ordens aos empregados: “Eu conheci uma menina e como eu tava um pouco desandada, sabe, aí ela pegou e me chamou pra ir pra boate, aí eu fui e gostei.” Em verbetes de dicionário, o termo desandar significa andar para trás, retroceder. Fabíola emprega o vocábulo “desandada” para aludir a uma fase de sua trajetória de vida marcada pelo abuso de entorpecente, o que nos leva a compreender que a prostituição em vez de ser interpretada como retrocesso, pode configurar-se para essa mulher como um caminhar adiante, isto é, uma possibilidade de dedicar-se a uma ocupação e não se entregar ao consumo desenfreado de crack. Revelando, assim, que cada mulher significa o exercício da prostituição de forma particular, lançando mão de experiências vivenciadas antes e após o ingresso nessa atividade.

A análise dos depoimentos coletados nesta investigação desvelou alguns motivos atribuídos para entrada e permanência na prática da prostituição, os quais nos encaminham à percepção de que são diversos os motivos que favorecem o exercício da prostituição e não apenas os de ordem econômica. Observamos que abordagens reducionistas que levam em consideração apenas o viés econômico para justificar essa atividade pode ser interpretada como um reflexo de nossa tradição tolerante frente à prostituição⁵. Tradição esta que só tolera a prostituição quando a mesma é exercida por necessidade de sobrevivência (para sanar a pobreza e à miséria da prostituta) e que não hesita em empregar esforços para refutar as abordagens que consideram a possibilidade

⁵ Em 1951, o Brasil assinou o Tratado Abolicionista Internacional, tornando-se um país abolicionista que tolera a prostituição. Os sistemas de tolerância são marcados pela ambiguidade, por um lado toleram o exercício da prostituição e, por outro, punem as pessoas que favorecem tal atividade (SOUSA, 2007).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de escolha da prostituta. Consideramos que esse reducionismo não é fruto do acaso, mas sim de uma escolha política que insiste em retratar a prostituta como vítima (por ser mulher, por ser pobre, por pertencer a um país subdesenvolvido), negando-lhe o papel de sujeito.

Os depoimentos cedidos pelas mulheres entrevistadas confirmam a coexistência de múltiplos fatores que condicionaram, mas não determinaram o ingresso e permanência em contextos prostitucionais. Na convivência com prostitutas que exercem trabalho sexual em São Carlos, conhecemos mulheres que afirmavam a opção por prestar serviços sexuais, bem como mulheres que se consideravam impelidas por condicionamentos sociais a ingressar na prostituição. A nossa experiência em campo somada ao movimento traçado no sentido de analisar os dados desta investigação favorecem a compreensão de que a prostituta – como todo ser humano – é um ser condicionado, mas não determinado; o que implica em reconhecer a história como tempo de possibilidade e não de determinismo (FREIRE, 1998).

As trajetórias apresentadas pelas prostitutas entrevistadas são marcadas por condicionamentos (genéticos, culturais, sociais) entrelaçados a sua existência, todavia não anulam sua condição de sujeito capaz de realizar escolhas, de fazer e refazer continuamente o seu caminho e a si próprio.

Referências

AGUSTÍN, Laura. Trabajo sexual y violencia contra las mujeres: ¿Visiones utópicas o batalla de los sexos? In. Development, 2001.

_____. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. *Cadernos Pagu*, n.25, Campinas, jul/dez. 2005, p.107-128.

ALVAREZ, Gabriel O.; TEIXEIRA RODRIGUES, Marlene. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/Aids. *SER Social*, Brasília, v. 0, n. 8, set. 2009, p.187-208.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BRASIL, Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. *Avaliação da efetividade das ações de prevenção dirigidas às profissionais do sexo, em três regiões brasileiras*. Série Estudos Pesquisas e Avaliação, n.7. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003.

ESPAÑA, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Secretaría General de Asuntos Sociales. Instituto de Migraciones y Servicios Sociales. Coletivo Ioé. *Mujer, inmigración y trabajo*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2001.

ESPINHEIRA, Gey. *Divergência e Prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. In. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS. V.11, n. 1, jan-jun/1986, p.3-10.

FREIRE, Paulo. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARAIZABAL, Cristina. Prostitución: miradas feministas. Por los derecho de las trabajadoras del sexo. In. *Viento Sur*, n.87, ano XV, jul. 2006, p.61-7

KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. *Cadernos Pagu*, n.25, dez, 2005, p.55-78.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. *Teoria & Pesquisa*, 47, jul/dez. 2005, p.9-41.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PISCITELLI, Adriana. *Estigma e Trabalho Sexual: comentários a partir de leituras sobre turismo sexual*. Trabalho apresentado no II Seminário Regional "Salud, Sexualidad y Diversidad en América Latina". Disponível em: <http://www.ciudadaniasexual.org/publicaciones/IIreunion.htm>, acesso em abril de 2011, p.1-21.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In. _____. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Editora Cortez, 2008, p.93-135.

SIMÕES, Soraya S. Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um *métier* no Brasil. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, v.2, n.1, jan/jun, 2010, p.24-46.

SOUSA, Fabiana Rodrigues. *Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. *Revista Unimontes Científica*, Montes Claros, v.6, n.2, jul/dez. 2004, p. 23-28.